PRODUÇÃO CIENTÍFICA E GEOGRAFIA: DEVASSANDO O PODER DA INVISIBILIDADE DE GÊNERO DO FAZER CIENTÍFICO

SCIENTIFIC PRODUCTION AND GEOGRAPHY: DEVASSING THE POWER OF GENDER INVISIBILITY IN THE SCIENCE

PRODUCCIÓN CIENTÍFICA Y GEOGRAFÍA: DEVASSANDO LA POTENCIA DE LA INVISIBILIDAD DE GÉNERO DEL HACER CIENTÍFICO

VAGNER ANDRÉ MORAIS PINTO
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná. E-mail: vampmorais@gmail.com

JOSELI MARIA SILVA
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná. E-mail: joseli.genero@gmail.com

* Artigo publicado em junho de 2018.

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender como o gênero institui a produção científica de docentes de programas de pós-graduação em geografia paranaenses em sua vivência espacial cotidiana. Para cumprir tal objetivo, foram selecionados vinte pesquisadores, sendo dez homens e dez mulheres, segundo critérios de produtividade e impacto de suas teorias no campo científico. Posteriormente, foram realizadas entrevistas com base no modelo da Pesquisa Piloto de Uso do Tempo (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE). O material obtido foi sistematizado conforme Silva e Silva (2016), o que permitiu a organização das redes semânticas discursivas das pessoas entrevistadas. Os resultados obtidos permitem afirmar que o gênero não é um aspecto considerado pelas pesquisadoras e pesquisadores, na produção docente, de forma objetiva. Contudo, contraditoriamente, ele marca de forma diferencial a carreira científica de homens e mulheres.

Palavras-chave: gênero, espaço acadêmico, produção científica, cotidiano.

Abstract: This article aims to comprise how gender set up the scientific production of researches in the graduate programs from Paraná State in their daily space experience. To realize this objective, twenty researchers were selected, ten men and ten women, according to the productivity and impact of their theories in the scientific field. Thereafter, interviews were conducted based on the Pesquisa Piloto de Uso do Tempo (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE). The obtained material was systematized according to Silva e Silva (2016) that permitted the organization of the discursive semantic networks by people interviewed. The results allow us to affirm that the gender is not an aspect considered by the researchers in an objective way. However, paradoxically, it marks differentially scientific career men and women.
Keywords: gender, scientific production, academic space, daily life.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender cómo el género instituye la producción científica de investigadores de programas de posgraduacíon en geografía paranaenses en su vivencia espacial cotidiana. Para hacer cumplir con ese objetivo fueron seleccionados veinte investigadores, siendo diez hombres y diez mujeres, según criterios de productividad e impacto de sus teorías en el campo científico. Posteriormente, se realizaron entrevistas con base en Pesquisa Piloto de Uso do Tempo (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE). El material obtenido fue sistematizado conforme a Silva e Silva (2016) que permitió la organización de las redes semánticas discursivas de las personas entrevistadas. Los resultados obtenidos permiten afirmar que el género no es un aspecto considerado por las investigadoras e investigadores en la producción docente de forma objetiva. Sin embargo, contradictoriamente, el género marca de forma diferencial la carrera científica de hombres y mujeres.
Palabras clave: género, producción científica, espacio académico, rutina.

Introdução

Este artigo tem como objetivo compreender como o gênero institui a produção científica de docentes de programas de pós-graduação em geografia paranaenses em sua vivência espacial cotidiana.

Pesquisadores constroem seus objetos de investigação de realidades, em geral, fora de seu cotidiano. Pensar como docentes de geografia produzem o espaço acadêmico é um desafio que envolve a reflexão das práticas cotidianas do fazer científico. O espaço acadêmico é compreendido como uma realidade constantemente negociada entre agentes produtores de ciência, em múltiplas escalas de ação em que está em jogo a conquista de objetos materiais (infraestrutura institucional, tecnológica, financeira) e simbólicos (conceitos, tradição epistemológica e legitimação de teorias). Assim, tal qual entende Massey (2008), o espaço acadêmico não é um produto, mas se constitui das relações que lhe dão sentido, e, além de ser estabelecido pelas regras próprias do campo científico, como propôs Bourdieu (2004), ele não é apenas o seu resultado, mas fruto de permanentes negociações.

O espaço de produção científica tem se transformado de forma contundente, no Brasil, nas últimas duas décadas. No contexto da geografia, por exemplo, o número de programas de pós-graduação, que era de 20, no final dos anos 1990, saltou para 62, na atualidade. Entre as principais causas para este fenômeno, estão os maiores investimentos governamentais visando a aumentar a mão de obra qualificada (mestres e doutores) e mitigar assimetrias regionais (criar mais cursos no interior do país) (SANT'ANNA NETO, 2014).

Paralelamente a este processo, a instituição de mecanismos de avaliação e exigências de produtividade acadêmica tem se intensificado, assim como a flexibilização do trabalho científico. Tais transformações influenciam, de forma diferente, as pessoas envolvidas nesse universo que não é homogêneo. Foucault (1995) chamou a atenção para o fato de que as instituições são permeadas de hierarquias e relações de poder, e o gênero, conforme Scott (1995), é um dos importantes marcadores de hierarquização humana.

Garcia-Ramon (2011) argumentou que, apesar das regras do mundo científico e dos espaços acadêmicos estarem acordadas

institucionalmente, construindo a ideia de igualdade de oportunidades, pesquisadores vivenciam a prática de produção científica a partir de determinadas estruturas culturais e sociais que vão muito além do regramento institucional. Fourez (1995) chamou a atenção para a necessidade de se pensar sobre o processo de produção científica como obra de seres humanos, o que implica em compreender sua dinâmica sociocultural e espacial.

Sendo assim, para atingir o objetivo proposto, foi realizada uma seleção de pesquisadores e pesquisadoras atuantes nos cursos de pós-graduação do Paraná, com base na produtividade científica e o impacto de suas teorias no campo da geografia brasileira, conforme os índices de citação de seus artigos. Após este procedimento, por meio de um questionário, foi realizada uma entrevista sobre o uso do tempo de homens e mulheres, adaptado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a Pesquisa Piloto de Uso do Tempo (2009). Além disso, foram realizadas duas questões abertas para as pessoas entrevistadas: 1) o que o seu gênero interfere na sua produção científica?; 2) O que a sua família representa no desempenho de sua profissão? O material transcrito oriundo das entrevistas foi analisado por meio da metodologia proposta por Silva e Silva (2016), o que permitiu a construção das redes semânticas discursivas das pessoas entrevistadas.

Este artigo está estruturado em duas seções: na primeira, é evidenciada a organização do uso do tempo e a produção científica de docentes pesquisadores; e a segunda explora a visão que as pessoas que produzem ciência fazem da relação entre gênero e de seu desempenho acadêmico.

Ações cotidianas e uso do tempo entre homens e mulheres pesquisadores

O fazer científico implica em tempo e espaço, tanto quanto em qualquer outro tipo de produção. A forma de organização do

tempo e espaço de produção do trabalho científico não é simples, e não pode ser medida com a mesma facilidade como horas de trabalho empregadas na produção de mercadorias concretas que são desenvolvidas exclusivamente no espaço produtivo. O trabalho intelectual está profundamente marcado por outros ritmos e espaços, sendo a casa, na maior parte das vezes, o espaço em que se constrói a comunicação escrita de uma pesquisa que demorou dois anos para ser realizada em laboratórios institucionais. A forma como pesquisadores organizam o tempo e o espaço da produção de seus produtos científicos se faz no cotidiano de pessoas que são corporificadas (DAVIES, 2003).

Mont'Alvão et al. (2011) alertaram para a complexidade envolvida na produção e sua relação com o tempo e o espaço que envolve não apenas a ideia abstrata da força de trabalho, mas corpos concretos de pessoas. Os corpos possuem limites de horas possíveis de serem trabalhadas, necessita de alimentação, descanso, e assim por diante. Há que se considerar que os corpos não são iguais todo o tempo, havendo ciclos de saúde, doença e faixa de idade a serem considerados, bem como períodos do dia e as condições ambientais que estão ligadas diretamente ao processo de produção, uso do tempo e espaço.

Dedecca (2004) propôs a compreensão do uso do tempo pautada em, pelo menos, duas dimensões: a reprodução econômica, associada ao trabalho remunerado e ao deslocamento para a sua realização; e a reprodução familiar e social, correspondente às atividades de cuidado com as pessoas, tarefas domésticas, lazer e sono. Esta divisão clássica dicotomizada entre produção econômica e reprodução social está diretamente associada ao gênero e ao espaço. Mas esta dicotomia é falsa na medida em que cuidados com seres humanos são trabalhos que estão diretamente vinculados à força de trabalho, e a sociedade depende deste tipo de desempenho para sua existência. Contudo, há uma criação social de que algumas formas de trabalho não devem ser remuneradas e

valorizadas socialmente, sendo majoritariamente atribuídas ao feminino e relegadas à invisibilidade do espaço privado.

O mais importante, nessa falsa dinâmica dicotômica entre trabalho remunerado/não remunerado e espaço público/privado, é a construção de um sistema simbólico para que isto não seja percebido e nem mesmo seja questionado pelas pessoas, notadamente por aquelas que são as executoras do trabalho não valorizado socialmente. A naturalização da ideia de cuidados com os seres humanos sendo naturalmente da essência feminina foi amplamente discutida e desconstruída por Badinter (2011).

Assim, a forma com que as pessoas empregam seu tempo não tem nada de natural, mas são dependentes das estruturas sociais, econômicas e culturais, como argumentou Dedecca (2004). A regulação do uso do tempo depende de instituições políticas e culturais e é realizada sob constrangimentos, havendo muito pouca autonomia das pessoas para decisão de sua alocação. A necessidade humana de ter tempos próprios para a sua manutenção vital resulta em tensões na distribuição do tempo diário a ser empregado à realização de tarefas entre pessoas que fazem parte da mesma rede de produção ou reprodução social, e o gênero é um dos critérios mais importantes na distribuição das atividades.1

São inúmeros os estudos que evidenciam o crescimento da entrada das mulheres na produção econômica, mas pouco se tem

1 Em significativa parcela das nações europeias e dos Estados Unidos, são realizadas regularmente pesquisas sobre o uso do tempo, desde a década de 1960. Na América Latina, o início das investigações sobre esta temática remonta aos anos 1990, mesmo período em que a Organização das Nações Unidas (ONU) também desenvolveu estratégias de sistematização e metodologias voltadas para questões temporais, como é o caso de sua classificação de atividades próprias, a International Classification of Activities for Time-Use Statistics (ICATUS; CAVALCANTI *et al.*, 2010). No Brasil, merece destaque o Comitê Técnico de Estudos de Gênero e Uso do Tempo, criado em 2008, sob a coordenação da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres (SPM) do governo federal, cujo objetivo é fomentar a incorporação da categoria de gênero nas pesquisas estatísticas oficiais sobre o tema.

discutido sobre a transformação das atividades e uso do tempo na esfera da reprodução social. Esta última, considerada como naturalmente desempenhada pelas mulheres, e com pouco ou nenhum tensionamento (já que não implica em pagamento em dinheiro), é executada em espaços invisibilizados e não possui valorização social. Horas de trabalho dedicadas em atividades de cuidados com outros seres humanos são concretas, despendem energia, e a escolha de alocação de recursos (tempo e energia), neste tipo de atividade, é resultante de dinâmicas de constrangimento cultural e político, associadas aos mecanismos de gênero.

O gênero é, neste artigo, entendido como uma performance fictícia, sobretudo corpórea, que é naturalizada por meio da repetição contínua de ações que acontecem dentro de um marco regulador (BUTLER, 2007). Sendo que tal naturalização destas performances humanas acaba por direcionar e, de certo modo, legitimar os papéis de gênero socialmente construídos.

Nesse sentido, o componente de gênero, na investigação geográfica, se mostra muito pertinente para o entendimento do próprio fazer científico nesta área, uma vez que ele possibilita compreender que a organização social e territorial compreende diferenças significativas entre mulheres e homens, ao passo que as relações entre ambos "são um elemento estruturador importante da sociedade, não devendo ser entendido apenas nas vertentes da privacidade, da intimidade ou da afetividade" (ANDRÉ, 1990, p. 4).

Em pesquisa anterior realizada por Silva et al. (2015), foram apontados diferenciais de produtividade acadêmica entre homens e mulheres no campo da geografia. A análise de dados provenientes de 13.990 artigos em 90 periódicos geográficos, avaliados pelo Qualis-CAPES no triênio 2013-2015, no período 1974-2013, revelou que as mulheres correspondem à autoria principal de apenas 39,86% destas publicações. Este percentual foi ainda menor quando tomadas as publicações referentes aos

estratos mais bem qualificados: 30,52%, no A1, e 37,44%, no A2. As disparidades de quantidade e qualificação de artigos por gênero, na área da geografia, não pode ser interpretada pela superior capacidade intelectual masculina – argumento comum durante séculos passados –, mas pela compreensão das estruturas que dominam as cadeias de produção científica que organizam diferentes matrizes de poder entre homens e mulheres.

O Quadro 1 traz uma síntese das características gerais do grupo de pessoas entrevistadas.[2]

Quadro 1 – Docentes entrevistados(as)

MULHERES	IDADE	SITUAÇÃO MARITAL	FILHOS(AS)	IDADE	QUALIFICAÇÃO PROFISSÃO CÔNJUGE
Congorya	38	SOLTEIRA	--	--	--
Morma	45	SOLTEIRA	--	--	--
Monitora	41	SOLTEIRA	--	--	--
Drytforth	45	CASADA	II	9 e 15	ALTA
Anne-loc	66	SOLTEIRA	--	--	--
Garka	51	CASADA	I	22	ALTA
Thyni	52	SEPARADA	II	24 e 25	--
Ceolven	47	CASADA	--	--	MÉDIA
Hes	48	SOLTEIRA	--	--	--
Herean	62	UNIÃO ESTÁVEL	I	25	ALTA
HOMENS	**IDADE**	**SITUAÇÃO MARITAL**	**FILHOS(AS)**	**IDADE**	**QUALIFICAÇÃO PROFISSÃO CÔNJUGE**
Joric	45	CASADO	I	6	MÉDIA
Beorn	59	CASADO	II	16 e 24	MÉDIA
Aldwald	32	CASADO	II	2 e 12	MÉDIA
Bardcas	53	CASADO	I	16	BAIXA
Termond	37	CASADO	II	1 e 4	MÉDIA
Shatho	48	CASADO	I	8	MÉDIA
Chetneth	44	CASADO	III	5, 14 e 16	MÉDIA
Tolfer	52	CASADO	I	19	ALTA
Egarfred	55	UNIÃO ESTÁVEL	III	5, 20 e 23	ALTA
Nanton	54	SEPARADO	II	8 e 22	--

Fonte: Questionários de campo. Elaborado pelos autores.

No quadro acima, vemos que os dois universos, feminino e masculino, são muito diferentes, apesar da coincidência da idade e das atividades que desempenham nas universidades. As mulheres apresentam um perfil familiar caracterizado pela majoritária ausência de companheiro em coabitação e filhos. No universo

2 Os nomes dos(as) docentes entrevistados(as) que constam no quadro são fictícios, a fim de salvaguardar suas identidades, e foram gerados aleatoriamente por meio do site *Gerador de Nomes de Fantasi*a (disponível em: <http://www.nomesdefantasia.com/human/short/>. Acesso em 29/07/2016). A qualificação da profissão dos cônjuges dos(as) pesquisadores(as) foi estabelecida a partir dos níveis de escolaridade e de especialização exigidos.

masculino, por outro lado, apenas um não possui companheira em coabitação e todos possuem filhos, inclusive com idades menores. Além disso, apenas duas das companheiras de docentes entrevistados do sexo masculino possui profissão com o mesmo nível de qualificação e remuneração.

O reconhecimento da incompatibilidade feminina com as responsabilidades sociais da reprodução familiar atribuídas a elas e a carreira científica é plenamente reconhecida pelas mulheres entrevistadas. Hes, por exemplo, chega a afirmar: "*Pelo fato de ter muito envolvimento com atividades da universidade, optei por não ter família e nem filhos, dado que me restringiriam nas mesmas*".[3] Tal afirmação parece ser uma escolha individual e plena de liberdade, por parte das mulheres. Contudo, o fato em si de ter que optar entre a carreira e uma família é uma necessidade socialmente gerada que não afeta o universo masculino. Os homens apresentam uma organização familiar em que a conjugalidade e a parentalidade são conciliadas com naturalidade. O mesmo comportamento foi detectado no relatório da União Europeia sobre a relação entre pesquisa e gênero, apontando a maior facilidade de homens pesquisadores em manter seus casamentos quando comparados com as mulheres (EUROPE COMISSION, 2012).

O uso do tempo entre as pessoas pesquisadas evidencia diferenças entre homens e mulheres.[4] Nos gráficos 1[5] e 2, é

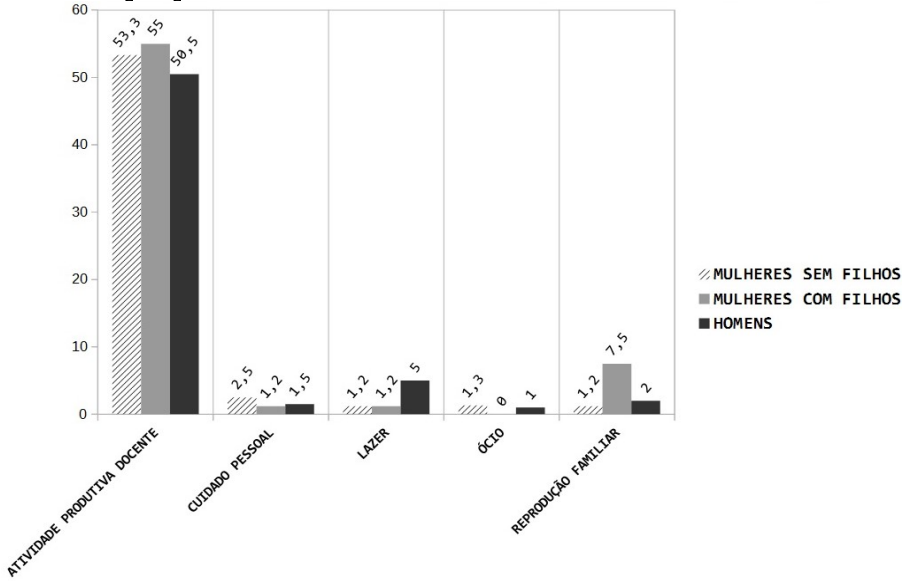
3 Trecho de entrevista realizada em 21/04/2016, com docente do sexo feminino.

4 A pesquisa considerou cinco categorias de utilização do tempo para a sistematização dos questionários: 1) Atividade produtiva docente: atividades (docência e pesquisa) realizadas na universidade e em outros espaços; 2) Lazer: atividades de entretenimento; 3) Cuidado pessoal: higiene pessoal, alimentação e prática de atividades físicas; 4) Reprodução familiar: atividades domésticas de limpeza e organização da casa, cuidados da família; 5) Ócio: tempo destinado para o repouso.

5 Pelo fato de o universo feminino estar diferenciado internamente por mulheres "com e sem filhos", os dados foram apresentados de forma separada.

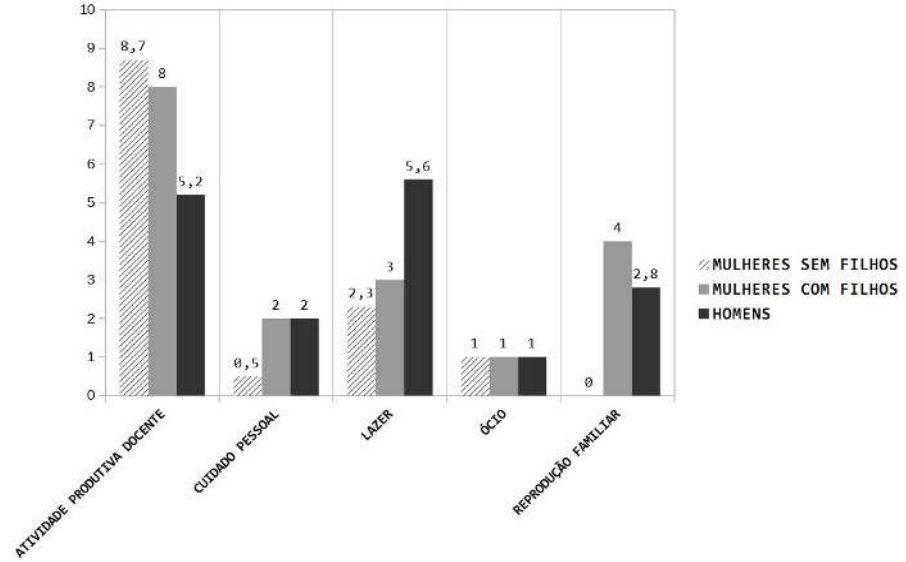
possível observar as diferenças durante os dias da semana e finais de semana.

Gráfico 1 – Uso do tempo de segunda a sexta-feira, segundo homens e mulheres pesquisadores



Fonte: Questionários de campo. Elaborado pelos autores.

Gráfico 2 – Uso do tempo nos finais de semana, segundo homens e mulheres pesquisadores



Fonte: Questionários de campo. Elaborado pelos autores.

Os homens dedicam menos uso do tempo em atividades produtivas docentes do que as mulheres com e sem filhos, tanto nos dias de semana como nos finais de semana. No caso da reprodução familiar, mulheres sem filhos têm menor dedicação de tempo do que os homens, em todos os dias da semana. Considerando que as atividades de reprodução familiar podem ser computadas como horas de trabalho (inclusive, não remuneradas), as mulheres pesquisadoras com filhos trabalham 754 horas ou 30 dias por ano a mais do que os homens pesquisadores. Embora persista a tendência do uso do tempo feminino dedicado ao trabalho, o diferencial entre mulheres sem filhos e homens com filhos é bem menor, sendo de 140,4 horas ou 5,9 dias por ano. Isto evidencia que o diferencial de uso do tempo dedicado ao trabalho, notadamente à reprodução familiar, está ligado à condição do exercício de maternagem.[6]

No que diz respeito ao uso do tempo que não envolve trabalho (como cuidado pessoal, ócio e lazer), há uma predominância masculina do uso do tempo em relação às mulheres, diminuindo tal diferença nos finais de semana, inclusive com aumento significativo dos homens no uso do tempo em atividades de reprodução familiar, tal qual já foi evidenciado em pesquisas anteriores[7] de Silva, Pinto e César (2015).

---

6 O termo maternagem é diferente da maternidade, conforme Badinter (2011). Enquanto a maternidade é um fato biológico, ligado à capacidade do corpo de gerar um ser humano no útero, a maternagem significa o cuidado com os filhos, que pode ser desempenhado por qualquer pessoa.

7 É importante destacar, como apontado por Sorj *et al.* (2007), que, embora tenha havido um aumento da participação feminina nos diversos ramos produtivos, nas últimas décadas, não houve uma transformação da divisão do trabalho no espaço privado. As mulheres pesquisadoras ainda têm o privilégio de poder contratar uma força de trabalho (também feminina) que a substitua em parte nos afazeres domésticos, o que não ocorre com mulheres de classe de renda menor. A Fundação Perseu Abramo (2010) desenvolveu pesquisa de uso do tempo com 2.365 mulheres e 1.181 homens, em 280 municípios de 25 estados do Brasil. Constatou que a jornada semanal média com atividades de reprodução

Conforme argumentou Davies (2003), a realidade espacial e do controle de uso do tempo é generificada, e isto está longe de ser um aspecto natural, mas resultante de relações sociais constantemente tensionadas por relações de poder que envolvem as pressões sociais e culturais no uso do tempo em determinadas atividades que são diferentemente valorizadas. O uso do tempo é sempre sobre o desempenho de alguma atividade que é sempre espacial. Boa parte do trabalho de docentes do ensino superior é executada no espaço privado da casa. Este aspecto traz mais conflitos para as mulheres, na medida em que se espera delas que o uso do seu tempo em casa seja dedicado prioritariamente à reprodução familiar. Portanto, o espaço acadêmico não termina nos limites físicos das instituições educacionais superiores, mas de sua continuidade no espaço privado.

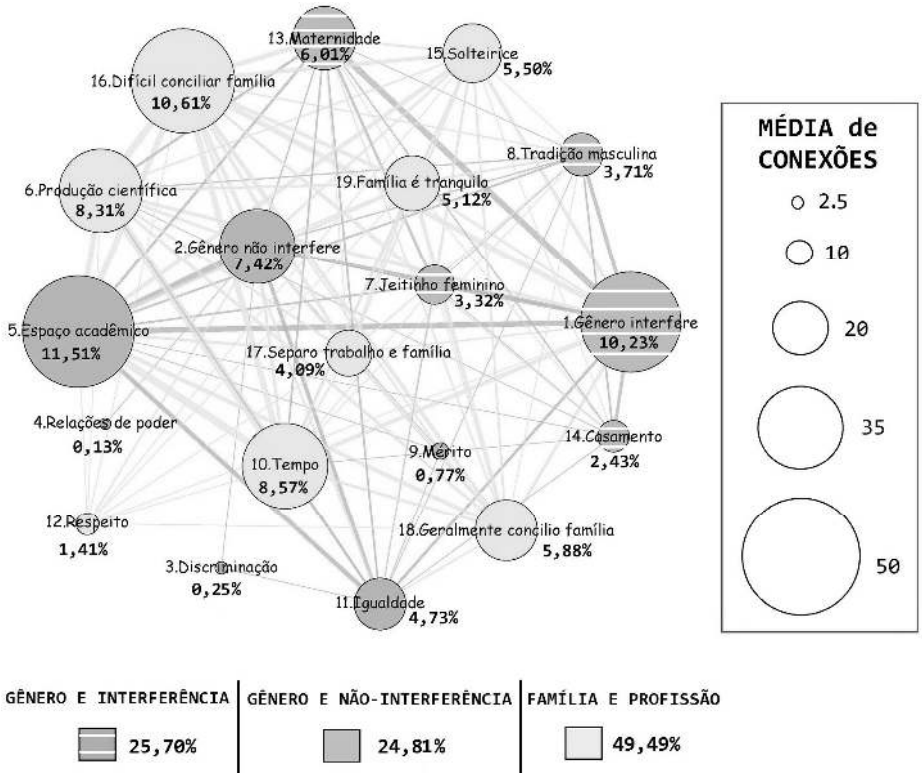
Gênero e a complexidade da instituição do espaço acadêmico

Embora o uso do tempo evidencie que pesquisadores e pesquisadoras trabalhem muito além das quarenta horas semanais que regem seu contrato de trabalho, há que se considerar o diferencial de gênero nesse universo. Contudo, isto não se verifica no discurso docente, incluindo o discurso das próprias mulheres. Há, sem dúvida, uma percepção de que as mulheres são as maiores responsáveis por várias atividades da vida cotidiana. Mas a produção discursiva não evidencia com objetividade a relação entre gênero e espaço acadêmico, quando as pessoas foram questionadas objetivamente a pensar sobre: 1) O que o seu gênero interfere na sua produção científica?; e 2) o que a sua família representa no desempenho de sua profissão?

Os grafos 1 e 2 evidenciam a estrutura discursiva elaborada, respectivamente, mulheres e homens, conforme a metodologia de análise de conteúdo proposta por Silva e Silva

familiar das brasileiras é de 29 horas e 21 minutos, enquanto a dos homens era de apenas 8 horas e 46 minutos.

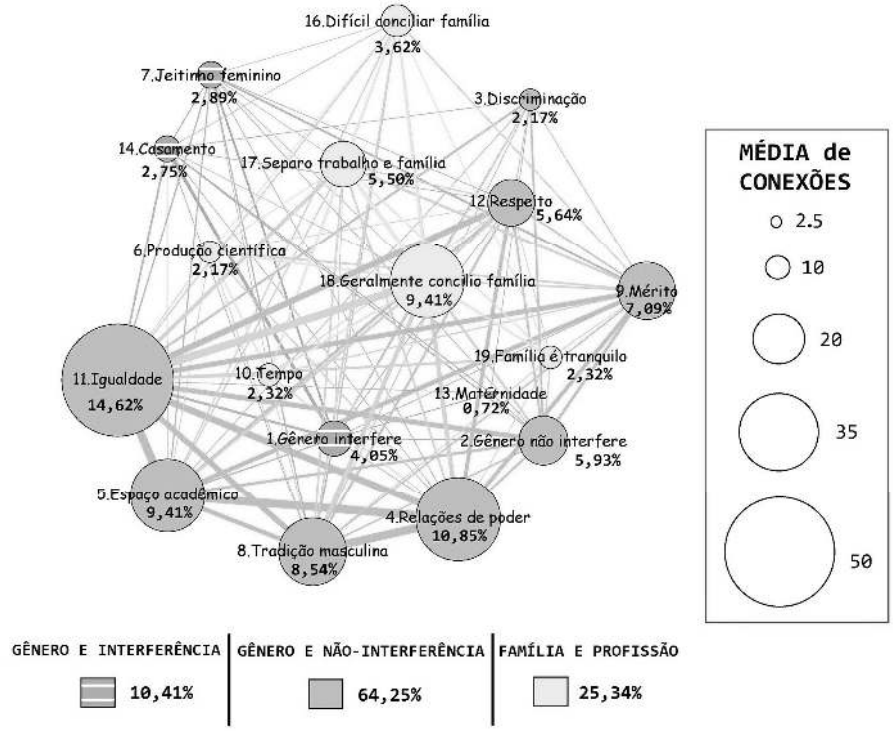
(2016). A topologia da rede apresenta as categorias discursivas utilizadas nas falas das pessoas entrevistadas, sendo proporcionais à quantidade de vezes em que ela foi utilizada e as conexões que são estabelecidas entre elas, formando comunidades semânticas.



Grafo 1 – Módulos semânticos e conexões entre as categorias dos discursos das mulheres
Fonte: Vinte entrevistas realizadas. Elaborado pelos autores.

A rede discursiva feminina apresenta maior comunidade semântica ligada a "família e profissão" (49,49%), constituindo grande parte do grafo, seguida da comunidade "gênero e interferência" (25,70%) e "gênero e não interferência" (24,81%).

Grafo 2 – Módulos semânticos e conexões entre as categorias dos discursos dos homens



Fonte: Vinte entrevistas realizadas. Elaborado pelos autores.

A rede discursiva masculina apresenta como comunidade mais significativa "gênero e não interferência" (64,25%), seguida da comunidade "família e profissão" (25,34%) e, por último, da comunidade "gênero e interferência" (10,41%). Pelas estruturas discursivas apresentadas nas redes feminina e masculina, pode-se constatar que a maior intensidade de conexões está ligada à família e à profissão, enquanto que a maior intensidade das conexões masculinas gira em torno do argumento de que o gênero não interfere na profissão, ligado à ideia de igualdade e meritocracia do espaço acadêmico.

O discurso feminino sobre o gênero na produção científica e os conflitos na percepção da dicotomia entre espaço acadêmico e doméstico

A heterogeneidade do grupo de mulheres entrevistadas, em termos de condição familiar, trouxe dificuldades para a análise do conjunto discursivo, num primeiro momento, entretanto, por outro lado, ajudou a evidenciar que não é o corpo feminino, mas a performance de gênero exigida das mulheres que constitui grande parte de suas dificuldades no desempenho da produção científica.

As conexões de categorias do discurso feminino em relação à percepção de seu gênero, produção científica e espaço acadêmico apresentam sentidos complexos e contraditórios, como pode ser visualizado no quadro a seguir.[8]

Quadro 2 – Principais conexões – discurso das mulheres

RELAÇÃO CATEGORIAL – MULHERES	CONEXÕES
Produção científica ↔ Tempo	14
Espaço acadêmico ↔ Tempo	12
Gênero não interfere ↔ Espaço acadêmico	11
Produção científica ↔ Difícil conciliar família	11
Gênero interfere ↔ Maternidade	10

Fonte: Vinte entrevistas realizadas. Elaborado pelos autores.

O tempo constitui a maior concentração de conexões e está relacionado com a produção científica e o espaço acadêmico. A execução das tarefas cotidianas demandadas às mulheres tem um impacto direto no tempo ou na sensação da falta deste. As mulheres relatam haver demandas de diferentes naturezas, como as de caráter burocrático, docente e familiares, o que lhes retira o tempo de produzir especificamente artigos científicos.

Apesar de tempo ser uma categoria central no discurso feminino, a maioria das conexões aponta que as mulheres não relacionam o seu gênero como sendo um dos fatores de dificuldade de desempenho científico. Elas se queixam de falta de tempo e de demandas, inclusive familiares, mas não realizam a conexão entre gênero e espaço acadêmico.

8 O quadro apresenta as conexões mais densas, com grau igual ou maior a 10, entre as categorias semânticas na rede discursiva das docentes mulheres.

Muito pelo contrário, as mulheres alegam não haver interferência entre seu gênero e a constituição do espaço acadêmico, conforme pode ser visto pelos trechos de falas de pessoas entrevistadas:

> *No âmbito aqui do programa, não [...] Isso efetivamente não traz nenhuma maior situação. Junto aos alunos, não vejo também que traga uma interferência* (Congorya, Paraná, 1 de março de 2016).
>
> *Não! Nunca tive qualquer problema em relação à questão de gênero na minha atividade profissional, seja na academia, seja na atividade externa de pesquisa* (Ceolven, Paraná,10 de março de 2016).
>
> *Não! Não! Acho que não! Porque o meio acadêmico é bem assim, acessível. Eu, pelo menos, pessoalmente, nunca tive. Não! Que eu me lembre, não* (Monitora, Paraná, 9 de março de 2016).
>
> *Nunca bateu na minha porta nenhum tipo deste problema! [...]. Não tem nenhum tipo de problema de inserção no mundo acadêmico* (Garka, Paraná, 9 de março de 2016).

De forma contraditória às afirmações contundentes de que seu gênero não interfere na constituição de suas ações acadêmicas, aparece a intensidade discursiva com que as mulheres falam de dificuldades para conciliar as demandas profissionais e familiares, notadamente as maternas. Relatam os sacrifícios da vida privada para privilegiar a profissão (como optar por não ter filhos ou marido) e, sobretudo, a naturalização do papel materno.

As mulheres pesquisadoras da geografia constituem um discurso em que o poder simbólico da naturalização de ser mulher está profundamente incorporado. Não há, por parte delas, o reconhecimento de estruturas de opressão de gênero em suas falas objetivas. Não conseguem fazer as ligações entre demandas familiares, falta de tempo ou até mesmo ter que optar em ter ou não família como algo que é construído socialmente, de forma desigual, em termos de privilégios entre homens e mulheres.

Ao mesmo tempo em que alegam não haver relação entre seu gênero e espaço acadêmico, seus relatos trazem tensões

quando as demandas profissionais adentram o tempo do espaço privado doméstico. É apenas nesta espacialidade que a relação entre gênero e desempenho científico aparece, como pode ser visto nos trechos de depoimentos que seguem:

> *E acaba que, sendo professora universitária, é um pouco disso também, né? Por mais que você tenha um tempinho maior durante a semana, pra organizar a tua vida e os artigos, mas entra no fim de semana e nos feriados. Então, muitas vezes, eu viajo com eles [marido e filhos], mas levo o computador, e aí tem que ter a pergunta: "Mas, mãe, por que você está trabalhando?". Eu digo: "Mas é que eu tenho que terminar, é rapidinho!". Mas este "rapidinho" não é rapidinho. Porque, às vezes, você abre a caixa de e-mail e tem outra atividade a ser feita. O que você ia fazer em duas horas, você faz em seis horas. Então, muitas vezes, dá um nó em tudo isso, e aí você fala: "Ah! Vale a pena tudo isso?"* (Drytforth, Paraná, 9 de março de 2016).

> *No meu ponto de vista, é preciso sacrificar algumas coisas que, no meu caso, obviamente, quem está perdendo é o meu lado privado. Não tem, quase não tem espaço na vida que eu levo [...] Criar filho... Cuidar do filho, perceber o filho. Isto é da dimensão das mulheres. Só as mulheres que fazem isto. Então, a gente acaba assumindo, em nome da maternidade, da relação indissociável que a gente tem pelo bem-estar do filho. Então, são coisas que vão pesar sobremaneira nessa jornada das mulheres* (Garka, Paraná, 9 de março de 2016).

> *Tem certas questões do cotidiano que são assumidas socialmente pelas mulheres, não que seja responsabilidade só delas, mas, enfim, é assim a vida. Impactou [referindo-se ao gênero], sobretudo, quando meus filhos eram pequenos, né. Embora [referindo-se ao pai dos filhos] fosse superatuante, mas, assim, tinha coisas que eu tinha que fazer. Meus filhos me demandavam mais. Ao invés de demandar ao pai, demandavam a mim. Se demandavam a mim, eu tinha que dar respostas, né? Então, isso acontece até hoje ainda. Há uma demanda, eu diria muito mais intensa, de questões do cotidiano deles em relação a mim* (Thyni, Paraná, 14 de março de 2016).

A estrutura discursiva feminina apresenta uma concepção espacial que dicotomiza o espaço entre acadêmico/privado, e o gênero só aparece como um elemento reflexivo, para elas, quando a

atividade científica coloca em cheque o desempenho das atividades familiares. Mas, dificilmente, seu gênero é considerado quando suas demandas familiares colocam em cheque seu desempenho científico. A mãe/a mulher não interferem no espaço acadêmico, considerado pelas mulheres como neutro e igualitário em termos de gênero, mas a cientista interfere nas demandas do espaço doméstico.

A rede discursiva feminina é complexa e contraditória. Ela evidencia que as mulheres possuem a percepção cotidiana da realização das múltiplas tarefas diárias, a falta de tempo para produção científica e o tensionamento entre as demandas familiares e profissionais. Isto fica nítido na forma como usam seu tempo – e, notadamente quando são mães, praticamente não possuem momentos de ócio e lazer. Contudo, quando questionadas a refletir sobre o gênero e sua vida científica, elas não estabelecem a conexão entre seu corpo, os papéis sociais atribuídos a elas e a forma como usam seu tempo. A rede expressa, de forma contundente, a interiorização do poder simbólico das normas de gênero, na medida em que tais normas nem sequer aparecem como questionamentos válidos no discurso de mulheres cientistas.

O discurso masculino sobre o gênero na produção científica e a harmonia na percepção da dicotomia entre espaço acadêmico e doméstico

O grupo de homens entrevistados possui um perfil homogêneo em termos de características maritais e parentais. Todos possuem filhos, e apenas um deles não coabita com sua companheira. A idade dos filhos difere da do grupo feminino entrevistado. No grupo de homens, apenas três deles não possuem filhos em idade infantil, dependente ainda de cuidados parentais.

Mesmo que o grupo de homens conviva cotidianamente com filhos ainda pequenos que necessitam de cuidados e as demandas como pesquisadores sejam as mesmas às que as

mulheres pesquisadoras estão submetidas, a rede discursiva masculina apresenta as conexões categoriais menos conflitivas e mais coerentes internamente do que a rede feminina, conforme está descrito no Quadro 3.

Quadro 3 – Principais conexões – discurso dos homens

RELAÇÃO CATEGORIAL – HOMENS	CONEXÕES
Espaço acadêmico ↔ Igualdade	14
Relações de poder ↔ Espaço acadêmico	14
Relações de poder ↔ Tradição masculina	14
Igualdade ↔ Geralmente concilio família	13
Relações de poder ↔ Igualdade	11
Igualdade ↔ Respeito	10

Fonte: Vinte entrevistas realizadas. Elaborado pelos autores.

As conexões mais intensas entre categorias discursivas organizam sentidos que relacionam o espaço acadêmico como sendo constituído pela igualdade entre os gêneros, facilidade para conciliar a profissão com a família e respeito. Ao mesmo tempo, há o reconhecimento da existência das "relações de poder", que não estão ligadas às hierarquias de gênero, mas aos aspectos considerados normais da vida acadêmica, como disputas de vaidades, competição por recursos financeiros e lutas por angariar prestígio intelectual. A "tradição masculina" é evocada como algo inerente à história da constituição do mundo acadêmico, mas que, todavia, tem sido transformado nos dias atuais. O relato a seguir é ilustrativo dessa tendência discursiva masculina sobre gênero, produção científica e espaço acadêmico:

> *Eu acho que a universidade é um dos lugares onde mulheres e homens, na minha percepção, têm um dos melhores relacionamentos no que diz às possibilidades. Ambos produzindo, fazendo a sua parte, chegam ao mesmo nível de ter uma carreira igual. Fora daqui, as coisas não são desse jeito. Até mesmo de onde eu vim, aqui da [omitido para evitar reconhecimento], que, tradicionalmente, tem muito homem, a geografia é mais diversificada, tem homens e mulheres. A gente vê lá que o respeito ocorre também. É claro que tem colegas que não têm essa visão, que são meio machistas mesmo. Mas eu acho que é cada vez menos, e cada*

> *vez fica mais fora da realidade da universidade. Porque tem, hoje, um número de alunas e professoras muito bom. Assim, as possibilidades pra quem está na carreira são bastante semelhantes* (Aldwald, Paraná, 14 de março de 2016).

Outras conexões de categorias discursivas que aparecem com intensidade é entre "igualdade", "geralmente concilio família" e "respeito", como pode ser visto nos trechos que seguem:

> *Então, nesse caso, do ponto de vista da minha relação familiar, acho que tem uma compreensão da minha família, em relação a isso. Eles sempre entendem. Meus filhos são pequenos ainda, talvez não tenham essa leitura. Minha esposa, como também é da área acadêmica, ela também entende isso. Então, não tem muito conflito com a família, mas eu tenho tentado, cada vez mais, entender, estabelecer horários, embora não seja uma equação fácil de resolver* (Termond, Paraná, 15 de março de 2016).

> *Olha, eu não tenho conflito com isso [família e profissão]. Lá em casa, nós dois somos professores. Os dois são doutores. Não há um contraste muito grande. Por exemplo, se fosse uma situação em que só eu trabalhasse e a mulher não tivesse formação e não trabalhasse, haveria um descompasso. E tem gente que prefere este tipo de coisa. Eu, não. Eu acho que nós dois contribuímos. A gente fez um acordo, inclusive, sobre a gestão financeira da família* (Tolfer, Paraná, 14 de março de 2016).

> *Minha companheira também é uma pessoa bastante envolvida e ativa no trabalho dela. Tem uma certa militância política [...], então nós temos vidas bastante ativas. E, quando estamos em casa, temos uma vida carinhosa, emocional, muito bonita. Temos um grau de afinidades muito grande* (Egarfred, Paraná, 21 de abril, de 2016).

O discurso masculino é marcado pela negação da existência da interferência do gênero na produção científica e no espaço acadêmico, considerado um espaço de igualdade e respeito. As relações generificadas são imediatamente relacionadas à discriminação contra as mulheres, como pode ser visto nos relatos que seguem:

> *Não. Tanto comigo como com as pessoas próximas a mim, esse tipo de discriminação, se é que podemos chamar assim, nunca existiu. Não sei se é por conta de um certo liberalismo, por parte dos nossos cursos, dos professores que normalmente atuam na geografia. Eu, particularmente,*

> *nunca vi isso. Não posso te afirmar que não tenha existido. Eu nunca notei nas pessoas mais próximas a mim. Tanto do meu departamento como da universidade, de forma geral, raramente tem essa discriminação, principalmente quando se trata do gênero na essência, ou seja, masculino e feminino. Se você falar de outras categorias aí, como índio, negro, homossexual, aí já é um pouco mais complexo. Nem saberia te dar uma opinião. Mas masculino e feminino, nunca percebi nada, não* (Joric, Paraná, 1 de março de 2016).
>
> *Não, não. Aqui é tranquilo. O fato de estar dentro desta temática* [referindo-se à relação entre gênero e produção científica], *eu não vi* (Beorn, Paraná, 9 de março de 2016).
>
> *Não, não. Nunca senti nenhuma discriminação associada ao gênero, não* (Termond, Paraná, 15 de março de 2016).
>
> *Não. Não, não. Que eu lembre, não* (Nanton, Paraná, 27 de abril de 2016).

No discurso masculino, não é comum acontecerem reflexões em torno da masculinidade e de suas performances diárias na produção científica. O termo gênero, na reflexão dos entrevistados, foi imediatamente remetido à ideia de mulher e de discriminação. Os homens cientistas se consideram sujeitos neutros, do ponto de vista de gênero, constituindo a noção desta marca apenas para as mulheres. Nas falas masculinas, a ausência de discriminação contra as mulheres é considerada igualdade de oportunidades na constituição de um espaço que está livre das performances de gênero. Poucas reflexões em torno das relações generificadas e do exercício de masculinidades foram relatadas pelos entrevistados. Há apenas dois casos que, por serem exceções, merecem registro: um deles aborda sua posição como professor e homem, na sociedade patriarcal cotidiana, e suas tentativas de policiamento interno; o outro traz a ideia de gênero bipolarizado entre o masculino e o feminino como algo insuficiente para classificar as pessoas e seu comportamento. É importante fazermos menção a esses trechos de fala pelo fato de serem exceções à tendência discursiva verificada:

> *Agora, claro, nas relações humanas... Agora, pensando mais como professor, existem certos comportamentos que, às*

> *vezes, nem são conscientes, ou, pelo menos, são herdados de masculinidades que a gente atua no dia a dia. E estas masculinidades nem vêm só dos homens, das mulheres também, de como elas educam seus filhos também [...] É questão da maneira como as coisas se dão. Então, eu me esforço muito para que essas coisas sejam equilibradas. Agora, claro, eu venho de uma cultura machista. Então, volta e meia, a gente se pega fazendo coisas que não são certas, né?* (Tolfer, Paraná, 14 de março de 2016).

> *Eu acho gênero uma questão um tanto complicada [...]. As emoções humanas, sentimentos, desejos não se reduzem a essa dupla sexual entre sexo masculino e sexo feminino, que está no centro da discussão de gênero. Os papéis sociais do sexo, do desejo, são mais complexos. Hoje, sobretudo, sempre foi, sempre existiu o prazer, que é algo da essência, não se restringe à aparência e à forma* (Egarfred, Paraná, 21 de abril, de 2016).

As falas masculinas que trazem argumentos sobre o gênero são menos frequentes do que as que falam que o gênero não tem interferência. São remetidas aos sujeitos femininos e apontam as qualidades sendo próprias da feminilidade no trabalho (como a responsabilidade, a assiduidade e a dedicação), notadamente em situações de hierarquias envolvendo bolsistas de iniciação científica e mestrado. O trecho a seguir ilustra esta tendência:

> *Acho que, numa implicação direta, prefiro trabalhar com as mulheres. Pelo menos, as candidatas que chegam, principalmente para iniciação científica e mestrado, são mais responsáveis, assíduas e dedicadas também que os homens. Tenho abandonado trabalhar com os homens. Tenho um contingente menor de orientandos* (Chetneth, Paraná, 3 de março de 2016).

As falas apontam para a qualidade feminina do cuidado e ainda da capacidade de realizar muitas tarefas ao mesmo tempo. O sobretrabalho aparece nas falas, mas associado aos casos hipotéticos de situações de divisão de tarefas no cotidiano da conjugalidade. Os homens não trazem suas experiências pessoais ou de exercício de reflexão de suas masculinidades nos discursos:

> *Porque tem coisas assim que parece que só mulher que consegue dar jeito [...] Agora, sei lá, depende também quando a pessoa é casada e tal; depende também como que é esse relacionamento. E, aí, acho que pode ser que gênero venha a*

> *prejudicar um pouco mais a mulher. Isso aí a gente não sabe como que funciona a divisão de tarefas* (Shato, Paraná, 1 de março de 2016).

O discurso masculino sobre a família e a relação com a profissão não é carregado de conflitos. Termos como "esposa compreensiva", "apoio", "conciliação fácil" e "separação das esferas profissional e familiar" são comuns, como pode ser visto nos relatos que seguem:

> *Ah, não tem muito a ver, não. Conciliar, você tem que conciliar, mas não tem nenhuma relação [...]. Tranquilo. Eu acho que não dificulta nada. Na verdade, a atividade acadêmica (ensino, pesquisa e extensão) é uma atividade que tem que ter a vontade, a dedicação, do profissional, do professor* (Bardcas, Paraná, 15 de março de 2016).

> *De forma alguma! O fato de eu ter feito esta separação [entre profissão e família], na minha opinião, me faz mais produtivo. Isto fica bem claro pra mim, pras pessoas que trabalham comigo quais os horários que eu efetivamente estou a fim de produzir. Da mesma forma que raramente eu arrumo desculpas pessoais para faltar aos meus compromissos de segunda a sexta, eu também não aceito muito desculpas profissionais nos meus finais de semana. Volto a dizer, exceções sempre existem, mas este é o padrão que eu criei, para mim e para minha família* (Joric, Paraná, 1 de março de 2016).

Mesmo os homens que relatam a realização de tarefas domésticas e dificuldades de conciliação das demandas de família e profissão, há expressões de minimização do conflito como "pouco complicado" ou "compromete um pouco", como pode ser visto:

> *Bom, é uma questão assim, um pouco complicada. Porque a gente vai fazendo quase que instintivamente, e não pensa sobre isso. Mas, em casa, como a minha esposa é professora também, apesar de ela não estar na universidade, ela tem esse entendimento dessa importância. Em casa, a gente procura ter as atividades divididas. Então, não tem papel masculino, feminino. As atividades são divididas. Eu procuro ter uma base produtiva que não seja tão exagerada ao ponto de prejudicar outras atividades, como levar a minha filha para piscina, fazer almoço, curtir futebol, estas coisas. Então, é assim, bem mais tranquilo* (Shato, Paraná, 1 de março de 2016).

> *Pelo trabalho conturbado, acaba comprometendo um pouco a atenção com eles. Sobretudo, porque são filhos que alguns moram aqui, outros não. Reuni-los é difícil, mas sempre que dá, a gente reúne. Nosso ritmo acaba comprometendo um pouco a vida familiar* (Nanton, Paraná, 27 de abril de 2016).

O peso e a angústia encontrados no discurso feminino, na representação da família em seu desempenho profissional (como "complicadíssimo", "ninguém aguenta", "sofrimento" e "pressão"), não são comuns no discurso masculino, que parece ver a família como acolhimento e apoio. As estruturas das comunidades semânticas e categoriais dos discursos feminino e masculino de docentes universitários entrevistados apresentam semelhanças e também diferenças. Ambos relatam o espaço acadêmico como exaustivo no consumo de tempo e energia, cada vez mais exigente no cotidiano e com demandas variadas que dificultam o tempo de concentração na atividade de pesquisa, notadamente na escrita de artigos científicos.

Outro argumento comum é a ideia de que o espaço acadêmico é igualitário e que a ideia de gênero aparece apenas quando se refere à discriminação contra a mulher, assédio ou algum tipo de violência. Tanto homens como mulheres constituem a ideia de dicotomia entre o espaço doméstico e o espaço acadêmico, embora ambos relatem trazer demandas profissionais para o espaço doméstico. A visão de permeabilidade ocorre justamente nessa direção, e não ao contrário. Ao sentirem as demandas profissionais adentrando ao espaço privado, as mulheres relatam conflitos, enquanto os homens conseguem manter maior conciliação com a situação.

Considerações finais

Este artigo evidenciou a forma como o gênero institui a produção científica de docentes de programas de pós-graduação em geografia paranaenses, em sua vivência espacial cotidiana. Homens e mulheres produtores da ciência geográfica apresentam

diferenciais em relação ao uso do tempo. As mulheres possuem maior número de horas dedicadas à produção científica e à reprodução familiar. Apesar disso, homens ainda mantêm os maiores índices de produtividade e de desempenho científico, considerando a penetração de suas teorias no campo acadêmico.

As topologias das redes discursivas masculina e feminina apresentam semelhanças e diferenças. Entre as semelhanças, está a ideia de que o espaço acadêmico é igualitário em termos de gênero. As diferenças aparecem pelo tensionamento entre a produção científica e as demandas familiares de forma mais contundente nas comunidades semânticas femininas do que masculinas.

O gênero e a sua relação com a vida cotidiana da produção científica foram negados, tanto pelo grupo de homens como pelo grupo de mulheres cientistas. Os homens não pensam sobre suas performances de masculinidade e, ao serem convidados a refletir sobre gênero, constroem a ideia de discriminação contra mulheres. De modo surpreendente, nesta pesquisa, as mulheres, majoritariamente, negaram haver relação entre seu gênero e a sua produção científica, quando convidadas a refletirem sobre isto. Paradoxalmente a esta negação por parte das mulheres entrevistadas, o discurso feminino exalta os conflitos existentes no seu cotidiano, bem como o uso de tempo feminino evidencia maior carga de trabalho diária e falta de tempo para o exercício de concentração, notadamente a escrita de artigos que, de maneira geral, ocorrem no espaço privado.

Em suma, o poder simbólico das relações de gênero como naturalizadas, não pensadas como existentes no processo de produção científica geográfica, associado a uma imaginação geográfica calcada na dicotomia entre o espaço privado e o acadêmico, criam um cenário desfavorável às transformações dos padrões de produção científica, ainda fortemente centrados nos privilégios masculinos. Segundo Massey (2008), a forma como concebemos a imaginação geográfica determina grande parte de

como agimos e pensamos o mundo, as relações sociais e a política. Portanto, se os espaços acadêmico e privado não forem pensados como relacionais e se as relações de privilégio de gênero não forem compreendidas como instituidoras destas espacialidades coexistentes, será impossível construir caminhos políticos que permitam maior equidade entre homens e mulheres na produção científica.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, Isabel Margarida. "O gênero em geografia. Introdução de um novo tema." In: *Finisterra*, Lisboa, n. 25, p. 331-348, 1990.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.* São Paulo: UNESP, 2004.

BUTLER, Judith. *El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidade*. Barcelona: Paidós, 2007.

CAVALCANTI, Lara Gama de Albuquerque; PAULO, Maira Andrade; HANY, Fatmato Ezzahrá Schabib. 2010. "A Pesquisa Piloto de Uso do Tempo do IBGE 2009/2010." In: *Fazendo Gênero 9*, UFSC, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278295122_ARQUIVO_artigoIBGEAPesquisaPilotodeUsodoTempodoIBGE2009-2010.pdf>. Acesso em: 5/09/2014.

DAVIES, Karen. "Responsibility and daily life: reflections over timespace." In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel (orgs.). *TimeSpace: geographies of temporality*. Nova York: Routledge, 2003.

DEDECCA, Claudio Salvadori. *Tempo, trabalho e gênero*. São Paulo, 2004.

EUROPEAN COMMISSION. *Meta-analysis of gender and science research: synthesis report*. Luxemburg: Publications Office of the European Union, 2012.

FOUCAULT, Michel. "O sujeito e o poder." In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUREZ, Gérard. *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado.* Disponível em:< http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf >. Acesso em: 12/08/2014.

GARCIA-RAMON, Maria Dolors; ORTIZ, Anna; PUJOL, Herminia. "Universidade e gênero na Espanha: trajetórias acadêmicas de docentes na geografia." In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista. *Espaço, gênero e feminilidades ibero-americanas.* Ponta Grossa: Todapalavra, p. 43-63, 2011.

IBGE. *Pesquisa Piloto de Uso do Tempo 2009: primeiros resultados*. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/sipd/decimo_segundo_forum/uso_temp_o_2009.pdf>. Acesso em: 13/03/2014.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade*. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2008.

MONT'ALVÃO, Arnaldo; NEUBERT, Luiz Flávio; SOUZA, Marcio Ferreira. "Espaço e tempo na teoria da estruturação." In: *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, n. 35, p. 187-200, 2011.

SANT'ANNA NETO, João Lima. "Balanço e perspectivas da pós-graduação em geografia no Brasil – considerações sobre a avaliação trienal de 2010/2012." In: *Revista da Anpege*, v. 10, n. 14, p. 7-25, 2014.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica." In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, Edson Armando; SILVA, Joseli Maria Silva. "Ofício, engenho e arte: inspiração e técnica na análise de dados qualitativos." In: *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 132 -154, 2016.

SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina A. de Oliveira; PINTO, Vagner André Morais. "Gênero e geografia brasileira: uma análise sobre o tensionamento de um campo de saber." In: *Revista da Anpege*, v. 11, n. 15, p. 185-200, 2015.

SORJ, Bila; FONTES, Adriana; MACHADO, Danielle Carusi. "Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil." In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, 2007.